

ANÁLISE COMPARADA ENTRE OS ROMANCES ROBINSON CRUSOÉ DE DANIEL DEFOE E FOE DE J.M COETZEE: O LUGAR DE FALA, AS RELAÇÕES DE PODER SOB AS PERSPECTIVAS DE SUSAN E FRIDAY

Juliana Barbosa da Costa ¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre dois romances, o primeiro *Robinson Crusóé* escrito por Daniel Defoe em 1719 quando as navegações marítimas começavam a ganhar destaque, e o segundo romance, *Foe* (1986), escrito por J.M. Coetzee, um escritor pós-colonial sul-africano. O segundo romance surge como releitura do primeiro a partir da perspectiva de uma personagem-narradora que desconstrói a narrativa e o narrador Crusóé, que, no primeiro romance, é representado como sendo corajoso, inventivo e mantedor dos preceitos religiosos mesmo isolado em uma ilha deserta. Por outro lado, em *Foe*, romance considerado uma releitura pós-colonial de *Robinson Crusoe*, questões como o apagamento da voz e da alteridade – do outro colonial e do outro feminino – são postos em evidência. Além disso, o personagem Friday, inicialmente retratado como o indígena passivo, submisso ao “senhor” branco, retratado como débil por ser incapaz de aprender a língua inglesa instruída por Crusóé, em Foe essa questão é retomada e posta em cheque pela narradora Susan, que descobre que o motivo da impossibilidade de fala de Friday, se deve ao fato do mesmo ter tido sua língua arrancada. Por outro lado, Susan se mostra incapaz de ler as diversas formas de comunicação demonstradas por Friday, que se expressa por meio de gestos e de mímicas, trazendo a tona a reflexão a cerca da impossibilidade de representação do outro, e da importância de ouvir as diferentes perspectivas e pontos de vistas. Para

¹ Mestranda em Educação e Diversidade, UNEB-CAMPUS IV. Endereço Eletrônico: july_kosta@hotmail.com

discutir sobre questões relacionadas ao pós-colonialismo contaremos com as proposições de Said (1995), Bonnici (2000) e Memmi (2007), em acréscimo, contaremos com Spivak (1985) para debater a respeito do silenciamento de alguns sujeitos, em detrimento da centralização da narrativa de outras.

Palavras Chave: Releitura; pós-colonialismo; *Crusoé*; *Foe*.

COMPARATIVE STUDY BETWEEN ROBINSON CRUSÓÉ BY DANIEL DEFOE AND FOE BY J.M COETZEE: THE PLACE OF SPEECH, THE POWER RELATIONSHIP UNDER THE PERSPECTIVES OF SUSAN AND FRIDAY

Abstract: The present article aims at analyzing two novels. The first *Robinson Crusoe* wrote by Daniel Defoe in 1719 when the navigations began to gain prominence. The second novel, *Foe* (1986), wrote by J.M.Coetzee, a post-colonial South African writer. The second novel appears as a rereading of the first one from the perspective of a character-narrator who deconstructs the narrative and the narrator Crusoe, who, in the first novel, is represented as being brave, inventive, a religious person, even isolated on a desert island. In *Foe*, the novel considered as postcolonial rereading of *Robinson Crusoe*, issues such as the erasure of voice and alterity – on one hand colonial and on the other feminine – are highlighted. In addition, the character Friday, initially portrayed as the passive Indian, submissive to the white "lord", presented as weak by being unable to learn the English language instructed by Crusoe, in *Foe* this issue is taken up and put in check by the narrator Susan, who discovers that the reason for the impossibility of Friday's speech is due to the fact that his tongue has been ripped off. On the other hand, Susan is unable to read the various forms of communication demonstrated by Friday, which is expressed through ges-

tures and mimics, bringing to light the reflection about the impossibility of representing the other, and the importance of listening to the different perspectives and points of view. In order to discuss issues related to postcolonialism we will have the propositions of Said (1995), Bonnici (2000) e Memmi (2007), in addition, we will have Spivak (1985), to discuss the silencing of some subjects, to the detriment of the centralization of the narrative of others.

Keywords: Rereading; postcolonialism; Crusué; Foe.

Introdução

Um dos principais esforços do pós-colonialismo foi questionar a ideia que considera a Europa como referência em diversos discursos, tal qual a literatura, considerando os demais como periféricos. Para isso autores pós-colonialistas adotaram a reinterpretação e a reescrita da literatura, promovendo, assim, a reflexão sobre o passado e mostrando que é possível olhar para ele sob um novo ponto de vista, um novo ângulo, ou seja, com o olhar do “outro”.

De acordo com Bonnici (2000 p. 42) a reescrita “consiste na apropriação do texto canônico pelo escritor de alguma ex-colônia europeia, consciente de seu papel de mestre no contexto pós-colonial”. Bonnici afirma que até certo ponto todas as literaturas nacionais desenvolveram o seguinte esquema para chegarem a ser consideradas como literatura (1) germinou da imitação de um padrão dominante e sua assimilação ou internalização; (2) em seguida promoveram a rebelião, tudo o que foi excluído pelo padrão dominante começa a ser valorizado. Tiffin (1988) considera que embora haja crítica a este modelo podemos dizer que a formação e a consolidação das literaturas pós-coloniais se dão na subversão, ou seja, a resposta ao centro, formulada na famosa frase de Rushdie “*the Empire writes back to the centre*”.

A estratégia das literaturas dominadas é dupla: (1) uma tomada de posição nacionalista, quando a literatura pós-colonial assegura a si mesma uma posição determinante e central e (2) quando questiona a visão europeia e eurocêntrica do mundo, desafiando a sistematização de polos antagônicos (dominador-dominado) para regulamentar a realidade reescrita, ou seja, “a retomada de obras literárias do cânone, para a reestruturação das ‘realidades’ europeias em termos pós-coloniais. A finalidade não é a reversão da ordem hierárquica, mas interrogar os pressupostos filosóficos sobre os quais tal ordem estava baseada” (Ashcroft, 1991, apud Bonnici, 2000, p.22-23).

O pós-modernismo, cuja poética inclui em grande parte a vertente pós-colonial por questões ideológicas e estilísticas (HUTCHEON, 1991), traz consigo ferramentas que se voltam para a interpretação dos textos canônicos. Tal interpretação possibilita que se faça uma leitura crítica dos textos coloniais, o que para Bonnici (2000) torna analítica a leitura do conteúdo inserido nos textos canônicos. Ainda de acordo com o autor, o intuito não é inverter a ordem hierárquica, que coloca as ex-colônias como secundárias, mas sim chamar atenção para aquela visão eurocêntrica do século XVIII. As literaturas pós-coloniais procuram realizar essa tarefa, destacando a dicotomia império-colônia. Bonnici (1998, p.17) insere na discussão o processo de “descolonização”, fruto do contexto dialético, ocasionado pelo processo de colonização e aponta para os textos pós-coloniais mostrando que todos os quais foram escritos sob esta dialética são oriundos da política vigente naquele contexto.

Assim, para que haja uma escrita pós-colonial é necessário que haja um processo descolonizador, ou seja, que a escrita dos povos oprimidos se liberte das amarras coloniais e conte sua história. Além do mais, Bonnici (1998) lembra que é necessário que críticos e leitores também alterem sua perspectiva ao entrar em contato com tais obras. Mas como sub-

verter essa política tão arraigada? Como subverter essas regras? Para que o pós-moderno pudesse se estabelecer com uma autêntica literatura pós-colonial a ação se concentrou então “na subversão, ou seja, a resposta ao centro” (BONNICI, 1998, p. 18). Conforme afirma Bonnici (2000, p.42) a reescrita “[...] consiste na apropriação do texto canônico pelo escritor de alguma ex-colônia europeia, consciente de seu papel de mestre no contexto pós-colonial”. Neste sentido, John M. Coetzee se apropria do conteúdo do romance inglês do século XVIII, *Robinson Crusóé* (2011). Dessa forma, a reescrita em *Foe* (1987) se configura como uma resposta à obra clássica usada como fonte.

Narrativas presentes nas obras que desvelam a relação de poder entre os personagens colonizador e colonizado

Enquanto Defoe constrói o criativo e dominador Robinson Crusóé, um personagem narrador que representa a figura masculina do branco europeu, o personagem narrador na obra de Coetzee é uma mulher europeia, Susan Barton, a qual é involuntariamente levada à convivência com Crusóé (alusão a Crusóé, de Defoe), um homem resignado à sua condição de náufrago, e seu criado Friday, o nativo sem voz. Em *Foe*, o narrador não é mais o inventivo e prático Robinson Crusóé, mas uma mulher inglesa chamada Susan Barton, observadora e audaz. Desterrada numa ilha, ela encontra um pacato e desanimado Crusóé e seu escravo, o africano Friday. Após serem resgatados, na metrópole, Susan tem dois problemas: transmitir a sua narração da estada na ilha a um impreciso escritor, Mr. Foe, e arrancar do mudo Friday a sua história. Ambas as tarefas se tornam quase impossíveis: a primeira por causa da tentativa de manipulação da história por Mr. Foe e a segunda pela incompreensão por parte de Susan e dos demais europeus da forma de comunicação singular de Friday.

O romance avança na problemática posta pelo romance original e discute o silêncio do colonizado, a possibilidade de fala após uma história de brutalidades cometidas pelos europeus, o relacionamento entre o colonizador e o colonizado, as modalidades não-canônicas de fala e escrita, a manipulação da história pelo europeu e a subversão do subalterno.

O texto pós-colonial explora questões relacionadas à metaficção, recurso pós-moderno por excelência segundo Hutcheon (1991), ao discutir os artifícios peculiares à escrita de textos narrativos e como a perspectiva pós-colonialista reelabora e discute a problemática dos povos subjugados, que é velada em *Robinson Crusóé*. Em Coetzee, a personagem-narradora tem como preocupação maior preservar a memória de naufraga em sua integridade e, em contrapartida, vê-se diante da impossibilidade de realizá-la de fato, trazendo a discussão meta-ficcional ou meta-narrativa para dentro do enredo.

O narrador e personagem principal da história, Robinson Crusóé, focaliza seu empreendimento como um homem trabalhador e planejador, cujo objetivo principal consiste em aplicar todos os meios racionais para garantir sua segurança, a sobrevivência e resgate. Por outro lado, a ênfase de Susan, em *Foe*, gira em torno do personagem Cruso, retratado quase como um homem estúpido, uma figura distante do homem orgulhoso e conquistador retratado em *Robinson Crusóé*. Susan descreve Cruso como um homem sem memória, repleto de perturbações mentais graves a respeito da distinção entre a realidade e a imaginação.

Ao contrário do narrador masculino estereotipado, de visão esclarecida, Cruso impressiona Susan pela sua visão ofuscada e pela permanência na ilha. (Bonnici 2000, p.94). Conforme aponta ainda Bonnici (p.42), Susan sente necessidade de cumprir duas metas: a primeira é transmitir sua história na ilha como genuína expressão da verdade e a outra é

desvendar os mistérios sobre o passado de Friday, que tem sua língua cortada, sem deixar claro por quem, e, por isso, não é capaz de contar sua própria história - “de escravidão e opressão.” (BONNICI, 2000, p.42).

Susan Barton vê-se em conflito diante dos fatos que deseja narrar e como irá fazê-lo. Sua intenção em registrar sua história a faz procurar um escritor, Mr. Foe, cujo nome faz alusão metaficcional a Daniel Defoe (entra em cena a estratégia da eliminação, que remete à reescritura de um nome), para que este escreva a história que ela, sozinha, não é capaz de escrever, porque não possui a técnica para tal. Todavia, quando expõe sua intenção em contar a história do período em que viveu na ilha, ao lado de Cruso e Friday, estabelece-se um conflito, pois Foe afirma que sua história, contada apenas baseando-se na verdade, não vai ser interessante nem, por conseguinte, vendável.

Já que não é escritora, vê-se impotente e dependente, porém resiste aos argumentos de Foe, que tenta a todo o momento corromper a integridade de seu relato. A partir disso, Susan passa a refletir sobre o ato de escrever, questionando-se, se é possível criar um relato que esteja integralmente comprometido com a “verdade”, assim como levantando a interrogação a respeito de se há uma maneira de escrever uma narrativa ficcional que seja a expressão fiel desta, uma vez que, de acordo com Mr. Foe, todo autor, utiliza estratégias para tornar o discurso mais atrativo ao público leitor.

Em resumo, “O escritor Mr. Foe tenta colonizar a narrativa de Barton.” (BONNICI, 2000, p.121). Esta enunciação meta-discursiva põe à prova a história narrada pelo centro e evidencia a existência de outros pontos de vista. Ao tentar escrever sua história, Susan Barton encontra resistência no escritor Mr. Foe, de forma que não consegue encontrar um meio que lhe assegure que sua escrita seja expressão da verdade que quer narrar.

Apesar disso, ao trazer uma mulher europeia como narradora, Coetzee sublinha a incompatibilidade cultural e discursiva entre povos hierarquicamente distintos, além de colocar em destaque a questão relativa aos gêneros masculino e feminino. Susan se depara com a impossibilidade de contar uma história que não é sua, e se dá conta de que nunca saberá toda a verdade, pois seu desejo “[...] esbarra na percepção de quão pouco conhece realmente a história que quer narrar, e parece reduzir-se ao silêncio quando considerada a impossibilidade de os reais detentores do conhecimento verbalizarem sua história.” (SILVA, 2000, p.234), afinal, Friday não pode narrar sua história porque, ao ter sua língua cortada, perdeu o poder da palavra e ele é o único que poderia preencher as lacunas deixadas por Cruso.

Somado a isso, há em Susan uma incapacidade em perceber a linguagem da qual Friday se manifesta: “Todos os meus esforços para trazer sexta-feira para a fala, ou para trazer a fala para sexta-feira, falharam, “eu disse”. Ele expressa-se apenas em música e dança” (COETZEE, 1987, p.142, tradução minha). As várias manifestações linguísticas de Friday não são percebidas por Susan, que acredita ser a escrita a única forma possível de expressão. Conforme Bonnici, “Susan jamais poderá ir além da maneira tradicional europeia de contar a história, isto é, exclusivamente através do discurso, e ela não pode imaginar que Friday o faça diferentemente”. (2000, p. 111)

Tal incapacidade em compreender e legitimar a linguagem particular de Friday revela, segundo Bonnici (2000) o fracasso da escrita branca em tentar representar o discurso do negro. É inútil ao branco tentar, apesar de todos os esforços, falar em nome do negro, pelo simples fato de que já tem uma imagem pré-concebida do outro. Isso significa que a experiência branca jamais conseguirá compreender a negra em sua totalidade simplesmente porque não é sua. Sua tentativa em representá-la, aproxima-se da realidade que ficou

perdida no tempo histórico e pode, sim, levar à reflexão, mas nunca alcançará os fatos plenamente.

Sartre (1997) discursa sobre a construção da pessoa como sujeito em relação ao Outro e, portanto, enfatiza a característica da reciprocidade. Portanto, é através da percepção do próprio Ser-objeto para o Outro que deve-se compreender a presença do Ser-sujeito dele mesmo. Esta reciprocidade permite as relações mútuas entre a pessoa e o outro visto que ambas podem, voluntariamente, ter a função de objeto para o Outro.

Nas sociedades pós-coloniais, porém, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. É a dialética do Sujeito e do Outro, do dominador e do subalterno. Nesse sentido, os críticos tentam expor os processos que transformam o colonizado numa pessoa muda e as estratégias dele para sair desta posição de submissão. Spivak (1985) discursa sobre a mudez do sujeito colonial e, conseqüentemente, da mulher subalterna. O autor defende que “o sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar”. Bhabha (1988) afirma que o subalterno pode falar e a voz do nativo pode ser recuperada através da paródia, da mímica.

Há três teorias sobre a reversão do colonizado-objeto em direção a se tornar sujeito dono de sua história e da sua capacidade em reescrevê-la. Janmohammed (1988) afirma que o autor da literatura pós-colonial deve dedicar-se à produção de estereótipos negativos do colonizador e de imagens autênticas do colonizado. Deste modo, criará um mecanismo que foi produzido inversa, mas eficazmente, na era colonial. Bhabha (1988) recusa a polaridade colonizador-colonizado e reconhece que a alteridade é “a sombra amarrada” do sujeito porque ambos se construíram. Este hiato entre o sujeito e o objeto, o território da incerteza, é aproveitado pelo autor pós-colonial para reconstruir seus personagens pós-coloniais.

Bonnici (2000, p. 90) considera que, para uma compreensão maior da representação da alteridade em Defoe, é necessário que algo seja dito previamente sobre o substrato político-religioso da época e que serve de alicerce à obra. A sociedade inglesa do final do século XVII e começo do século XVIII produz uma nova classe de pessoas desligadas da realeza, da igreja estabelecida e da sociedade rural. Busca-se a salvação do negócio na união da consciência com Deus. Toda a narrativa de *Robinson Crusóé* está imbuída da consciência de desígnios divinos e de uma industriosa, embora não obsessiva, preocupação com bens materiais adquiridos pelo trabalho contínuo e inteligência. É nesse ponto que o problema do outro se realça mais, porque os fatores acima mencionados decididamente deixam seu impacto no encontro entre o europeu e o indígena, aqui representado em Friday.

Bonnici discorre ainda que, invadindo a ilha e tomando posse dela o colonizador Crusóé não difere do “educador” Crusóé, que encarando Friday como o outro, fabrica-o no binário soberano-súdito. O controle de comida e bebida, o confinamento no “castelo”, o ensinamento da doutrina cristã em detrimento da religião indígena, a limitação aos trabalhos manuais e o início de aprendizagem da língua inglesa fazem com que Friday se molde ao esquema colonialista preparado por Crusóé. De modo especial, a situação linguística de Friday é precária e ao colonizador cabe a atitude de ensinar, ler e interpretar. Ao indígena, reservam-se a passividade da resposta “yes”, a aniquilação da língua indígena e a obliteração da sua história. Na sociedade colonial, diz Ashcroft (1991, p.172), “os participantes são imobilizados num relacionamento hierárquico em que o oprimido está contido pela suposta superioridade moral do grupo dominante.” Embora o texto deixe pairar a dúvida a respeito da plena aceitação da alteridade por Friday (Bonnici, 1998).

A estada de Crusóé no Brasil, o tráfico de escravos negros, o período que ficou na ilha e sua convivência “pacífica”

com Friday podem, no romance de Defoe, ilustrar perfeitamente o problema do encontro com o outro. Mesmo que o texto traga essa situação de forma velada, uma análise mais apurada revela o tipo de relação predominante no texto ou a voz dominante controlando o tom da narrativa. (Bonnici, 2000). No Brasil, é nítida a relação sem exclusão ou hierarquia estabelecida entre Crusoé e os portugueses, bem como entre ele e a classe dominante brasileira: “Da narrativa depapara-se que o relacionamento entre Crusoé e os europeus não revela nenhum discurso dominante, nenhum processo de exclusão ou falta de reciprocidade.” (BONNICI, 2000). Há uma relação já estabelecida entre ele e os portugueses, ou seja, sua prosperidade no Brasil se deve à ajuda de portugueses e brasileiros, senhores de engenho ou fazendeiros, para os quais se propõe a buscar escravos na África, em troca de objetos sem ou de pouco valor. Neste ponto, percebe-se fortemente a noção europeia de hierarquia. De acordo com a lógica eurocêntrica colonial, a escravidão não é um problema social dado que os escravos são apenas mão de obra necessária à manutenção do sistema capitalista que move a dinâmica colonialista, sempre objetivando os lucros.

Do mesmo modo, o romance de Defoe não põe em questão a moralidade dos atos cometidos, pois em nenhum momento se discute de modo crítico o contrabando de negros africanos que Crusoé se propõe a fazer, principal motivo que o faz embarcar em um navio e se lançar ao mar novamente, apesar de já ser ciente dos perigos, o que o faz ir parar na ilha, que viria a ser, involuntariamente, sua residência algumas páginas à frente. Assim, escravizar negros africanos em troca de “quinquilharias” em nenhum momento é atitude punida ou questionada no texto: “Segundo a ética da qual está imbuída toda a narrativa, ela não abrange o outro, ou seja, deixa intocável a questão da moralidade do comércio em seres humanos”. (BONNICI, 2000)

Considerações finais

Bonnici (2000, p.84) revela que em *Crusoé* o processo de fabricar o outro é tão axiomático apesar de suas múltiplas reflexões e justificativas a respeito de outros itens baseados na fé cristã e na Bíblia. *Crusoé* imediatamente dispõe-se a impregnar sistematicamente o índio de costumes europeus, sem uma avaliação crítica do indígena como sujeito. Percebemos que em Defoe não há maiores questionamentos quanto à relação com o outro, ou seja, as questões relativas à alteridade são camufladas sob o tom de harmonia de convivência entre os personagens. Essa postura instiga a questionar o tratamento que se dá à alteridade em ambos os romances. Em Defoe, o relacionamento com o outro se revela através da forma como o texto aborda a relação entre o branco europeu e os demais povos. Como estes eram submetidos à imposição de costumes daqueles, em outras palavras, as relações sociais estabelecidas entre os seres sociais. Isso tudo feito de maneira a tornar naturais as questões sociais que estão por trás deste discurso, sem deixar transparecer nenhum tipo de tensão em relação ao que representam de fato.

Para Denise A. Silva há dois tipos de marginalizados pela ausência do poder da palavra: os silenciosos – aqueles que escolhem se calar – e os silenciados – aqueles aos quais é vedado o direito de expressão, e segundo ela “calam porque são impotentes” diante do domínio cultural de outrem. (SILVA, 2000, p. 243). Em vista disso, a imagem simbólica sobre a língua cortada de Friday abre a perspectiva de uma leitura sobre a alteridade tão presente no discurso pós-colonial. A “[...] mutilação torna-se simbólica da estratégia do colonizador para fazê-lo perder sua identidade e sua caracterização fixa. Um personagem mutante facilmente poderia ser posto na alteridade e dominado”. (BONNICI, 2000, p.138). Se o colonizado não puder se expressar, fica muito mais fácil imprimir a cultura e seu discurso europeu ao colonizado.

Dessa maneira, Silva (2000) entende que a história de Friday se apresenta como uma lacuna na narrativa, pois para a história do nativo restam somente hipóteses e suposições, enfim, um “vazio narrativo” cuja informação é ocultada pela mediação de Crusoé, em Robinson Crusoé, e de Susan Barton, em *Foe*, que relatam a vida do nativo pela perspectiva de um observador. Essa exclusão, fruto da diferenciação com que o europeu trata os demais povos, acaba fabricando o outro, conforme aponta Bonnici (2000, p.82), o qual sublinha que essa atitude “[...] parece simbolizar uma política mais nítida e mais demolidora que seria implementada nas relações metrópole-colônia no início do império britânico”.

O personagem Friday vem a representar a problemática do outro, neste caso, um nativo que não pode falar, pois teve sua língua cortada. Isso o torna totalmente incapaz de ser um sujeito da própria história, ficando “[...] indefeso contra o poder escravizante da palavra.”

Referências

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte:UFMG, 1998.

_____. *Of Mimicry and Men: The Ambivalence of Colonial Discourse*. October, v. 28, n. 1, p. 125-133, 1984.

_____. *The Other Question : Difference, Discrimination and the Discourse of Colonialism*. Screen, v. 24, n. 6 1983.

BONNICI, Thomas. *O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

_____. “Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais”. In: *Mimesis*. Bauru, v19, n. 1, p. 1998.

_____. Postcolonial Voices in J.M. Coetzee’s *Foe*. *Revista UNILETRAS*, v.17, 1995.

COETZEE, John M. *Foe*. United States of America: Penguin Books, 1987.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução de Flávio P. de F. e Costa Neves. 2. Ed. 2011. 380 p. São Paulo: Martin Claret.

Hutcheon, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção/Linda Hutcheon*. tradução Ricardo Cruz. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. .

JANMOHAMMED, A . *The Economy of Manichean Allegory: The Function of Racial Difference in Colonial Literature*. Critical Inquiry, v. 12, n. 11988.

MAHER, Susan Naramore. *Confronting Authority: J.M. Coetzee's Foe and Remarking of Robinson Crusoe*. University of Nebraska-Omaha, 1991.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PAULO, Fernando de L. "O tema da verdade em Foe, de J. M. Coetzee", In: *Em Tese*. Belo Horizonte, v.7, p. 27-34, dez. 2003. Disponível em:

<[http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2007/03-](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2007/03-Fernando-Lima.pdf)

Fernando-Lima.pdf> Acesso em: 29 de agosto de 2011.

PARRY, B. *Problems in Current Theory of Colonial Discourse*. Oxford Literary Review, v.9, 1987.

Post-colonial desconstruction. Disponível em <<
<http://www.postcolonialweb.org/poldiscourse/spivak/deconstruction.html>>> visualizado em 30 de Dezembro de 2014.

QUINN, E. (2006). *A Dictionary of Literary and Thematic Terms*. New York: Infobase Publishing.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARTRE, J-P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução por Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SPIVAK, G. C. *Pode o Subalterno Falar?* Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010

_____.SPIVAK, G. C. *Can the subaltern speak? Speculations on widow sacrifice*. *Wedge*, v. 7/8, n.1, p. 120-130, 1985.

SILVA, Denise A. "Silêncio e resistência em Foe, de J. M. Coetzee". In: PETERSON, Michel (Org.). *As armas do texto. A literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

TIFFIN, H. Post-colonialism, Post-modernism and the Rehabilitation of Post-Colonial History. *Journal of Commonwealth Literature*, v. 23, n. 11988.

[Recebido: 20 dez. 2017 — Aceito: 14 fev. 2018]